

Os Elementos Não Verbais e a Construção do Sentido

Breno de Campos Belém¹

Silvia Helena Benchimol Barros (UFPA)²

RESUMO: Este trabalho objetiva identificar e analisar os elementos não verbais, não vocais (gestos, postura, expressão facial, olhar e riso) em uma interação ocorrida logo após uma entrevista televisiva, com vistas a determinar-lhes a(s) função(s). A entrevista, corpus desta pesquisa, foi concedida a TV Aratú da Bahia e têm como interactantes principais a cantora Cláudia Leitte e o repórter Alex Lopes. A análise tem como base os estudos de Kerbrat-Orecchioni (2006), em particular, os que concernem aos componentes básicos da interação, aos sistemas de turnos de fala e às dimensões das relações interpessoais. Recorre ainda aos postulados de Goffman (2002) - estrutura de participação e enquadre (*frame*); de Gumperz (2002) - pistas de contextualização; e de Marcuschi (1998), quando este trata da negociação e seus limites. Os resultados oriundos de nossa análise evidenciaram a sincronização entre o verbal e o não-verbal, e como o não verbal é de fundamental importância para a construção dos sentidos em uma interação. Esta investigação, de natureza empírico-indutiva, se situa, portanto, na confluência entre áreas do conhecimento que privilegiam a perspectiva interacionista e a análise textual-interativa dos textos orais.

PALAVRAS-CHAVE: interação, elementos não verbais e limites de negociação.

Introdução

Seja através de uma linguagem verbal ou não verbal, de atitudes de polidez ou impolidez, de enunciados explícitos ou implícitos, de consenso ou não, a comunicação entre os seres humanos se dá por meio de processos de interação e de construção de sentido. Bakhtin afirma que “a interação verbal constitui [...] a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2004, p.123).

Os processos comunicativos que ocorrem nos atos de linguagem são passíveis de descrição, interpretação e permitem que se perceba em uma dada interação não apenas o que está posto ou dito de forma explícita, mas também outras formas de expressão que corroboram para a construção do sentido, como: a gestualidade, as expressões faciais e posturas corporais.

É sem dúvida reducionista, a análise que trata do processo comunicativo apenas na sua dimensão lingüística na medida em que esta desconsidera o quanto podem “dizer” as pistas e sinalizações que prescindem de vocalização. Para Marcuschi (1998) a compreensão de uma interação verbal face a face é o resultado das atividades colaborativas e coordenadas da co-

¹ Professor da Universidade Federal do Pará – Campus de Altamira. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará. brenobelem@ufpa.br

² Professora da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará. silviabenchimol@hotmail.com

produção de sentido executada pelos seus interlocutores e não uma simples interpretação semântica dos enunciados proferidos.

Embora não se possa aquilatar precisamente o peso das contribuições de todo e cada fator interveniente em um evento de fala, esta perspectiva interpretativa sugere atenção aos reguladores fáticos (ou sinais de escuta) nas suas sinalizações não verbais que segundo Kerbrat – Orechionni (2006) podem ser: olhar e meneio de cabeça, mas também, dependendo da ocasião, franzimento de sobrancelhas, sorrisinho, ligeira mudança de postura.

Outro aspecto implicado nas interações é o da troca. Na interação, podem emergir diferentes pontos de vista e nas tentativas de defesa de suas idéias é previsto que os interlocutores tentem desqualificar o ponto de vista concorrente numa tentativa de impedir que o outro ameace a imagem que desejam preservar. No presente estudo, em que os principais interlocutores possuem imagem pública, estes aspectos se colocam de forma incisiva e o conflito se constrói nas circunstâncias da interação e por meio das dimensões verbal e corporal da linguagem. É nesta comunicação que transparecem os papéis, status e identidade dos participantes e é por meio das tentativas de negociação e da habilidade dos interlocutores que pode ser garantido ou não o sucesso de seus objetivos.

O Corpus

O corpus, um vídeo de dois minutos e trinta segundos de duração, extraído do site *youtube* com o título “Barraco: Claudia Leite agride repórter no Sauípe Fest”, apresenta indícios de subversividade motivado pela necessidade midiática de polemização. O título sugere que há investida física durante a interação o que, de fato, não chega a ocorrer. As elocuições, entretanto, apresentam: descortesia, impolidez ameaça de faces por ambas as partes envolvidas numa clara relação de conflito.

Para fins de análise do texto, realizamos a transcrição da entrevista segundo a normatização proposta pelo Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP), em Castilho e Preti (1987). Negritamos todas as ocorrências de comunicação não vocal para favorecer a observação destas pistas e de sua sincronia com a dimensão verbal da interação estudada.

Nosso corpus é também composto de imagens selecionadas para melhor visualização do gestual e da função dos elementos fáticos na construção do sentido e do conflito.

Os Precedentes e os Componentes da interação

De acordo com Marcuschi (1998, p. 18) “antes de dois (ou mais) indivíduos entrarem em interação verbal, dependendo do contexto e das condições em que o fato se dá, as expectativas são muito diversificadas.” Constatou-se, com base no vídeo, que esta interação foi o primeiro contato face a face entre Claudia Leitte e Alex Lopes. Portanto, o entendimento do que sucede durante o contato entre os dois participantes necessita da compreensão de alguns fatos que o precederam. Tais fatos, que constituem o contexto da atividade de fala, são suporte para a análise dos comportamentos em foco. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 33-34):

É [...] indispensável que o analista tenha acesso aos dados contextuais para poder descrever adequadamente o que se passa na interação, teoricamente ele deve ter acesso à totalidade dos saberes de que os participantes dispõem. Essa situação ideal evidentemente nunca é realizada e o empreendimento de reconstituição do contexto “total” é sempre buscado, mas nunca alcançado.

Os dados do corpus e informações coletadas no site, de onde o pós jogo da entrevista foi extraído, revelam que Alex Lopez afirmou não gostar dos fãs da cantora. O repórter também faz críticas contumazes ao trabalho de Claudia Leitte em seu site na internet.

Apesar de entendermos que “apenas alguns dos elementos do contexto total são mobilizados, ativados e explorados no discurso, e é somente a esse subconjunto (o contexto ‘pertinente’) que o analista deve ter acesso” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 34), sabemos também que o recorte analisado é em si, um universo rico e multidimensional que se coloca ao olhar do analista.

Os estudos de Kerbrat-Orecchioni (2006) nos valeram para a análise: dos componentes básicos da interação, dos sistemas de turnos de fala e das dimensões das relações interpessoais; os postulados de Goffman (2002) subsidiaram a análise da estrutura de participação e dos enquadres interativos (*frame*); e as contribuições de Gumperz (2002) e Marcuschi (1998) nos respaldaram respectivamente nas interpretações das pistas de contextualização e da negociação e seus limites.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (*ibden*) os elementos base da interação consistem em lugar, participantes e objetivo. Cada elemento possui características fundamentais para a compreensão de uma determinada interação.

O quadro espacial nesta análise inclui os bastidores do show da cantora Cláudia Leitte no Sauípe Fest. A interação ocorreu em novembro de 2009 nos momentos que antecederam o evento. É relevante para nosso estudo o fato de que o local é de circulação restrita, entretanto a

interação foi filmada o que nos habilita a dizer que havia intenção de registro ou de publicação por uma ou ambas as partes envolvidas, já que se trata de pessoas com imagem pública. Neste ambiente, estavam apenas a cantora com a sua equipe de produtores e o repórter com seu respectivo operador de câmera.

O clima de tensão preexistia entre os participantes principais desta comunicação em consequência de fatos anteriores de provocações postadas no site do repórter e da própria entrevista que antecedeu esta interação. Isto é reiterado nas primeiras linhas do corpus:

CL: *E só pra acabar... eu vou encerrar essa entrevista... e eu vou lbe dizer uma coisa...*

R:

mais uma coisa... ((gesticulando com os dedos))

CL: *não*

R: *eu*

CL: *cê não vai fazer nada... eu vou sair daqui falando... ((olhando para a câmera e dirigindo-se para a saída))*

Identificamos também que a estrutura de participação se constitui dos dois principais interlocutores: a cantora Claudia Leite e o repórter Alex Lopes e dos demais ouvintes não endereçados na maioria das vezes, porém oficiais ao evento: os jornalistas, os cinegrafistas, a equipe de produção e os seguranças. Estes ouvintes possuem espaço social reconhecido na fala e são percebidos momentos em que Claudia Leite muda o enquadre, ratificando-os. O contexto e o desenvolvimento da interação nos autorizam a dizer que e que a intenção da cantora é de tornar pública sua opinião e reforçar a situação de inferioridade em que coloca o repórter pela força de sua elocução.

Há ainda a audiência que eventualmente assistiu ou assistirá a gravação (circunstantes) e que igualmente se torna endereçada nas mudanças de *footings* de Claudia Leite.

As mudanças de enquadre de Claudia Leite são percebidas ao longo da interação, que embora decorra em menos de três minutos, marca os seus diferentes alinhamentos. São percebidos os seguintes:

- a) *superstar no comando do jogo cênico*: quando esta direciona-se à audiência e decide o momento de abortar a interação. Ela vira o corpo, foca e fala com a audiência determinando quem vai falar e quem vai calar.

- b) *celebridade contrariada* : quando esta se volta para a sua equipe e diz que “*eu não queria fazer isso*”, referindo-se à situação de confronto que foi articulada de forma indiciadamente intencional para forçar o esclarecimento das ofensas.
- c) *profissional ética*: quando se volta ao repórter Ney, no fundo da sala, e o exemplifica como ético, profissional e modelo de postura.
- d) *A guerreira destemida*: quando recusa a interferência do segurança e insiste em que prossiga a interação para que Alex Lopez não saia como “vítima”
- e) *mulher ofendida na sua reputação*: quando face a face com Alex Lopes, ela critica a postura do repórter em tecer comentários ofensivos à sua conduta moral e, portanto, de ameaça à sua face.

Percebem-se também, diferentes níveis de interação entre os elementos da estrutura de participação que variam entre: relações profissionais (hierárquicas entre os membros da equipe), relações de antagonismo por divergência de opiniões (entre Cláudia Leitte e o repórter Alex Lopes) e relações de admiração (Cláudia e o jornalista de sua equipe, Cláudia e seus fãs ainda que ausentes naquele momento) . Um aspecto que julgamos importante ressaltar é que o contexto privilegia a cantora na medida em que o convite que motivou o encontro partiu de sua equipe, como confirma a fala final do repórter Alex Lopes: “*me chamaram pra vir aq/...*”; e a mesma está cercada por pessoas de sua equipe, portanto em seu território. Diz Kerbrat-Orecchioni que devem ser considerados na análise dos participantes: “seu número, suas características individuais, suas relações mútuas”. (2006, p. 26-27).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (*ibden*) os objetivos de uma interação são distintos. Eles podem ser um objetivo global, bem como objetivos mais pontuais. Caracteriza-se o global como sendo a finalidade geral de uma interação. Os pontuais são aqueles que se realizam ao longo do encontro. Como a interação em análise, além de curta, possui um único e centrado foco, não observamos objetivos pontuais ou específicos. O que ocorre, e o corpus nos respalda afirmar, é que Cláudia Leitte objetiva preservar sua auto-imagem pública e se defender das acusações pessoais e profissionais feitas por Alex Lopes. Enquanto o repórter, visa preservar a sua imagem profissional e o seu direito à livre expressão, que lhe parece legítimo por ser um repórter.

Neste trabalho, nos propusemos a realizar uma análise de caráter qualitativo e interpretativista dos elementos não verbais como: gestos, postura, expressão facial, olhar e riso. Durante o detido olhar sobre as frenéticas mudanças de alinhamento, meneios de cabeça, apontar

de dedos, franzir de testas, projeções de dorso e olhares eloqüentes procuramos associá-los às elocuções proferidas.

Os fáticos revelaram-se potenciais acirrades ou minimizadores da ameaça do conflito. O antropólogo Ray Birdwhistell (1970), criador do termo Cinésica, iniciou seus estudos na década de 40, com pesquisas sobre como o corpo comunica. Birdwhistell decodificou os sinais do corpo a partir de uma estrutura semelhante a utilizada para a compreensão da fala humana, ou seja, fazendo uma analogia entre os gestos e a linguagem, onde o discurso pode ser repartido em palavras, sentenças e parágrafos. Na Cinésica, essas unidades foram por ele chamadas de cine e cinema. O antropólogo afirma que segundo a cinésica todo movimento corporal visível ou gesto tem um significado no contexto onde se apresenta; não existem gestos universais; e no processo de comunicação existe uma sincronia, isto é, uma pessoa exerce influência sobre a outra; e alguns comportamentos apresentam significados socialmente reconhecidos. É sob esta premissa que situamos nossa análise dos aspectos cinésicos de forma contextualizada e decisiva para os sentidos que se constroem nesta interação. Os gestos falam por si só, enfatizam ou contradizem elocuções e mostram a influência de Cláudia Leite sobre a sua equipe, o repórter, bem como sinalizam as reações deste sobre os demais participantes.

O Sistema de Turno e suas Falhas

Com base na análise de gravações em vídeo, alguns especialistas em comunicação não-verbal concluem que, em uma interação, os participantes “parecem dançar um balé perfeitamente ajustado, adaptando instintivamente suas posturas, gestos e mímicas aos de seus parceiros.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 10).

Gumprez (2002) no seu estudo em que privilegia as convenções de contextualização, refere-se às várias formas pelas quais as pistas podem se manifestar em uma atividade de fala, incluindo as implícitas; isto é, as não verbalizadas. A este respeito, ressaltamos que quando tais pistas não são devidamente interpretadas, ou não provocam a reação esperada, surgem divergências e mal entendidos. Isto ocorrendo, costuma-se julgar o falante como antipático, grosseiro, não cooperativo ou como o que não entende.

Kerbrat-Orecchioni (2006) refere-se às práticas comunicativas como condutas ordenadas que criam para os interactantes um sistema de direitos e deveres, embora nem sempre de forma aparente. Entre estes deveres, aos quais a autora se refere como regras, encontra-se o princípio de alternância que prevê a ocorrência dos seguintes aspectos: alternância dos turnos de fala;

equilíbrio de duração dos turnos dos falantes e do foco do discurso, sendo estigmatizados os discursos exclusivamente “auto centrados”.

Nesta interação os discursos decorrem de forma equilibrada em relação a quantidade total de falas dos participantes principais. São registradas quarenta e quatro (44) falas de Claudia Leite e trinta e nove (39) falas de Alex Lopes, porém o foco do discurso de ambos merece atenção pela quantidade de referências pessoais (auto- centradas). São quatorze (14) “eus” proferidos por Claudia em contraste a vinte e cinco “eus” de Alex Lopes. Estes marcadores validam o *outro* na interação com fins específicos de desafio, acusação ou crítica. Observa-se que os “eus” da cantora são autoenaltecedores ou reforçadores de sua posição de superioridade neste contexto, isto é na verticalidade da interação, enquanto os “eus” do repórter são em quase totalidade, defensivos, explicativos. O uso dos possessivos “meu/ minha” apresentam a proporção de oito (08) por Claudia Leite em contraste a quatro (04) por Alex Lopes. Nos fragmentos abaixo podemos verificar algumas destas ocorrências que destacamos em caixa alta:

CL: *E só pra acabar... EU vou encerrar essa entrevista... e EU vou lbe dizer uma coisa...*

R: *[só
mais uma coisa... ((gesticulando com os dedos))*

CL: *não*

*[
R: EU*

CL: *cê não vai fazer nada... EU vou sair daqui falando... ((olhando para a câmera e dirigindo-se para a saída))*

CL: *depois ele termina e fala com vocês ((apontando com o dedo para o repórter))...mas EU vou falar...*

Nestas falas de Claudia Leite é notório o senso de controle sobre o prosseguimento da interação e o seu poder de regulação. Em contraste, nas sequências abaixo o repórter tenta se posicionar utilizando de recursos verbais interrompidos e neutralizados pela regulação realizada por CL. Para reforçar suas tentativas, a gesticulação do repórter se torna mais evidente e repetida.

CL: *esse cara... ((voltando-se para os membros da equipe)) ele não gosta de mim... ()*

R: *[não... não... não...
não ((com repetitiva gesticulação das mãos)) existe isso EU não gosto... agora assim...*

CL: *[fale rápido...
((com o dorso projetado para a frente e com o rosto um pouco inclinado para cima))*

Nas seqüências abaixo, verificamos ainda as tentativas do repórter em se fazer ouvir e em se defender.

CL: *cê vai me dizer isso?...((tentando desvencilhar-se do segurança, posicionando em outro ângulo para encarar o repórter)) () vai dizer isso olhando nos meus olhos... Alex?...((cruzando os braços))*

R: *[
pe/... peraí... a sua
produção não tá deixando NEM eu falar... ((estendendo o braço))*

S: *((tentando afastar CL da cena de confronto)) ()*

CL: *pode deixar ele... ((afastando o segurança))*

R: *ó... a produção...*

CL: *ele vai sair de vítima...((afastando-se pelo lado esquerdo do segurança e falando com outro membro da equipe por cima do ombro do segurança)) () ((com as mãos espalmadas))*

R: *[
NÃO...*

CL: *((cruza os braços e encarando Alex))*

R: *não... ((gesticulando que não com a cabeça e com a mão esquerda aberta à frente)) vou sair de vítima não gente... pelo amor de deus...*

O gestual e os enquadres dão o sentido e acompanham as elocuições sinalizando as emoções que o conflito desperta. A tensão gerada pela conversação que foge às regras normais de cortesia e polidez, a ansiedade pela tomada do turno estão representadas em movimentos como: a gesticulação intensa, a aproximação e afastamento dos interactantes, as mudanças bruscas de enquadre, os risos nervosos ou irônicos, o puxar da camisa, a flexão dos joelhos, o franzimento de testa, o olhar incisivo de CL e o desvio do olhar do repórter na tentativa de concentração. (cenas sessão 08)

O discurso autocentrado (em caixa alta) dos interactantes se confirma em fragmentos como:

CL: *que VOCÊ tem pra me dizer olhando nos MEUS olhos?*

R: *é SÓ isso... tipo assim...ó... ((movimentando continuamente as mãos))*

CL: *[
então EU não tenho mais nada pra falar com você...*

R: *o que EU tenho pra te dizer é o seguinte...*

CL: *MAIS nada... ((meneio de cabeça))*

R: *EU ((colocando a mão aberta contra o peito e batendo várias vezes))... EU aprendi na faculdade o seguinte...agente...*

[

CL: *o que você aprendeu com a sua mãe e com o seu pai é o que me interessa...* ((**chegando mais próximo do rosto do repórter**))

R: SIM ((**movimentando a cabeça afirmativamente**)) ... então assim ó... no... no ((**apontando em direção à sua cabeça e seu corpo, franzindo a testa**)) MEU consentimento...

[
CL: *sim...* ((**movimentando a cabeça afirmativamente**))

R: *no MEU ponto de vista...*

Nossa análise também põe em destaque outros momentos do corpus que ilustram as referências tomadas para este estudo. O fragmento a seguir, por exemplo, mostra o verbal e gestual (negrito) sincronizados, revelando a superposição de falas sem que as pistas de contextualização ou as verbalizações explícitas sejam levadas em consideração para regular os turnos. A intensidade das superposições compromete o entendimento das falas e apenas o não verbal, nestas situações, dá o sentido na troca comunicativa.

R: *mas assim ó...*

[
CL: ()

[
S: ()

[
R: ÉH::: ... *eu...*

[
CL: ((**olhando para a esquerda e falando com pessoas da equipe que estão à sua direita**)) *eu quero que ele fale gente... eu quero... éb::... eu já vou* ((**gesticulando com a cabeça e cabelos**)) *eu vou trocar de roupa...*

R: *peráí gente... ainda... tenho mais alguma coisinha pra falar... juro* ((**mexendo a cabeça negativamente**)) *... entender? eu só te peço isso então ... Pra não... você não ficar mais chateada...*

[
CL: ((**com os braços cruzados**)) *olha no meu olho Alex...*

Ao final do trecho acima, verifica-se uma tentativa de solução do embate construído entre os dois participantes. Esta tentativa parte do repórter, que visivelmente se encontra em situação de desvantagem em relação à cantora pelas condições contextuais e pela própria constituição da estrutura de participação

É de senso comum que existe relativa flexibilidade na dinâmica das interações e que esta permite a ocorrência de transgressões. Contudo, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), se não forem rapidamente ajustadas, as transgressões produzem conseqüências negativas ao desenvolvimento da interação.

Esta plasticidade da linguagem que visa, na generalidade dos casos, preservar as relações entre os seus atores nem sempre se concretiza desta forma, pois nem sempre é do interesse dos interactantes que os laços sejam mantidos. Em algumas situações conflituosas, há convicções e territórios a serem preservados que são mais caros do que o exercício da polidez e a manutenção das regras conversacionais. É este o caso do presente estudo em que as regras são deliberadamente violadas de modo descortês. No recorte abaixo, verifica-se explicitamente o pedido pelo turno de fala o qual é negado, há uma ameaça de interrupção da interação apesar do desejo de uma das partes em se expressar.

CL: *depois ele termina e fala com vocês ((apontando com o dedo para o repórter))...mas eu vou falar...*

R: *NÃO... mas eu quero falar ... olhando nos seus olhos...*

CL: *[não... não eu já cansei...((acenando que não com o dedo e voltando-se para o repórter))... eu já cansei...((saindo da cena))*

R: *eu quero falar olhando nos seus olhos...*

Além do princípio da alternância, a regulação natural do sistema de turnos fracassa com interrupções frequentes, superposições de fala, ameaça de face, invasões de território e intrusões de terceiros. A regulação dos turnos é forçada por verbalizações expressas: “fale rápido”, ou pela projeção do dorso e a redução da distância física observadas principalmente no gestual da cantora. O recurso do microfone auxilia, em parte, a alternância dos turnos, mas ainda assim, as falas se superpõem dificultando a escuta e dando espaço para que os gestos se reforcem como forma de expressão. Os repetitivos “não, não, não” e a sincronia de gesticulação das mãos do repórter revelam a sua insistente tentativa de ter o turno, de interromper a fala da cantora, e de se justificar.

CL: *esse cara... ((voltando-se para os membros da equipe)) ele não gosta de mim... ()*

R: *[não... não... não... não ((com repetitiva gesticulação das mãos)) existe isso eu não gosto... agora assim...*

CL: *[fale rápido... ((com o dorso projetado para a frente e com o rosto um pouco inclinado para cima))*

R: *se você não se sente à vontade ((com repetitiva gesticulação das mãos)) ... você não precisa mais ler o site... entendem? E NEM*

CL: *[EU não*

R: *... ver a entrevistas...*

Ficam evidentes as ameaças de face e a descortesia que são acompanhadas pelas gesticulações dos participantes.

CL: *que você tem pra me dizer olhando nos meus olhos?*

R: *é SÓ isso... tipo assim...ó... ((**movimentando continuamente as mãos**))*

CL: *então eu não tenho mais nada pra falar com você...*

R: *o que eu tenho pra te dizer é o seguinte...*

CL: *MAIS nada... ((**meneio de cabeça**))*

Os Níveis Relacionais e o Conflito

As práticas sociais produzem significados reveladores do lugar de onde falamos e em consequência disso posicionam também nossos interlocutores.

As Dimensões Nas Relações Interpessoais

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), as dimensões que podem ser observadas em uma interação se dividem nos níveis horizontal e vertical. Tendo em foco a atuação dos elementos não verbais, a dimensão horizontal é aqui expressa pelos gestos indicadores do conflito, pelo posicionamento do corpo e pelos contatos visuais: dedo em riste, o olhar fixo de CL, o desvio de olhar de AL (ver cenas 1 e 3 na sessão 08 deste artigo).

A dimensão vertical, ou taxema, se expressa na aparência física, no modo de vestir, na organização do espaço comunicativo e nas posturas: dominador(a) ou dominado(a). Nas fotos da cena 04 da sessão 08 ficam evidentes a postura dominante de CL, sua projeção de dorso com intenção intimidadora e de regulação do turno. A organização do espaço comunicativo, também favorável à CL pode ser visualizada em todas as cenas selecionadas na sessão 08, onde as imagens mostram toda a equipe de produção da cantora em sua volta, protegendo-a e agindo como forma intimidadora ao repórter.

Os níveis da interação corroboram para o conflito que também se consolida nos esquemas de conhecimento e expectativas discrepantes. Neste caso, as convicções de ambos sobre seus direitos. O dele, a livre expressão; o dela, resguardar sua imagem pública sem omitir seu sentimento de indignação.

O Conflito

Dada a interação – o pós-jogo de uma entrevista entre Claudia Leite e o repórter Alex Lopes – a nossa intenção neste estudo, foi em primeira instância, identificar e analisar os elementos não verbais e não vocais que se manifestaram durante os dois minutos e trinta segundos da intensa comunicação que enreda os atores principais em uma rigorosa confrontação de idéias, convicções e movimentações corpóreas. E em seguida, determinar as funções de tais elementos sem dissociá-los das elocuições verbais, considerando-os ora como suportes, ora como os principais recursos para a construção do sentido – o conflito.

Alguns autores defendem a idéia de que a interação tem ligação intrínseca com o conflito e sustentam a presença constante do conflito nas relações cotidianas com raros momentos em que há “conseqüências agradáveis para ambos, no plano psicológico” (TANNEN apud ALBUQUERQUE, 1995, p.36). Um aspecto interessante a esse respeito é como o conflito se manifesta nas interações face a face e as pistas que o contexto fornece para a sua identificação, como: o ritmo da fala, a entonação, a altura da voz, além de fatores não verbais como o gestual com as mãos, cabeça, olhares, a redução da distância, entre outros.

Muitas vezes o emprego de implícitos é o recurso selecionado pelos interlocutores para sinalizar a iminência do conflito e esta estratégia pode evitar conseqüências mais drásticas para interação. Em outras situações, os participantes possuem posições e opiniões abertamente antagônicas a respeito de um determinado tema, valores e ideologias, e têm interesse de que estas diferenças sejam colocadas claramente e até publicamente como no presente estudo. Isto os assegura uma postura ideológica divergente que lhes pode ser muito cara.

Neste segundo caso, se o desejo for evitar o desencadeamento de uma situação conflituosa mais intensa, serão necessárias estratégias como a negociação do tópico. Para Marcuschi (1998) nem tudo é negociável. Crenças e convicções não são passíveis de negociação e o não consenso pode ditar a “morte” do tópico

A análise em questão nos apresenta uma situação em que as posições são demasiado firmes e envolvem o empenho na preservação da imagem pública de ambos os lados, portanto não se evidenciam os recursos alternativos para a manutenção da relação apesar da ausência do consenso, isto é, a rarefação da fala ou o aborto do tópico. Ao invés disso, o conflito se coloca de forma irremediável e a solução é a intervenção de terceiros. (vide cena 05)

Considerações Finais

Este estudo nos permitiu comprovar o quanto os elementos fáticos, não verbais, podem estar a serviço da construção de sentido em uma relação face a face e nos conduziu a algumas conclusões relevantes a este respeito a partir da verificação de tais comportamentos.

Em primeiro lugar, constatamos que as manifestações não vocais sinalizaram as mudanças significativas de enquadre nas movimentações dos principais interactantes. Além disso, percebemos que os aspectos não verbais têm vigor suficiente para determinar a alternância dos turnos de fala que nem sempre se realizam de maneira fácil e harmoniosa como no caso de embates de opiniões e ideologias.


Os sinais mímico-gestuais, os quais sustentaram os enunciados metacomunicativos, determinaram a regulação da alternância de forma explícita e não cortês, ao contrário do que ocorre nas interações não conflituosas.

Nas superposições de elocuições que ocorreram de forma frequente e prolongadas, observou-se violação deliberada das regras de alternância e o recurso não verbal garantiu a sucessão das falas. Confirmamos assim, que os elementos fáticos que estiveram presentes deram suporte ou substituíram o verbal na construção do sentido pretendido pelos interactantes durante a totalidade da interação estudada.

Cenas: o não verbal na Construção do Sentido

Cena 1

RELAÇÃO DOS ELEMENTOS NÃO VERBAIS COM AS ELOCUÇÕES PROFERIDAS




- ✖ Claudia :
 - ✖ olha Alex de cima para baixo proximidade
- ✖ Alex
 - ✖ Franze a testa
 - ✖ Contrai as sobrancelhas
 - ✖ Não olha Claudia nos olhos

R: mas já não tiraram ((com as sobrancelhas levantadas, testa franzida, abaixa o corpo e agita as mãos))... da mia/... da clipagem?...
CL: meus olhos?...

CL: cé vai me dizer isso olhando nos

Cena 2

RELAÇÃO DOS ELEMENTOS NÃO VERBAIS COM AS ELOCUÇÕES PROFERIDAS




- ✖ Mão espalmadas
- ✖ Som inaudível pela superposição de falas
- ✖ O não verbal dando sentido ao momento da interação

CL: pode deixar ele... ((afastando os segurança))
R: ó... a produção...
CL: ele vai sair de vítima... ((afastando-se pelo lado esquerdo do segurança e falando com outro membro da equipe por cima do ombro do segurança)) () ((com as mãos espalmadas))
R: NÃO...

Cena 3

- ✖ Mão espalmada sobre o peito
- ✖ Reafirma-se no discurso como profissional em exercício legítimo
- ✖ A redução do espaço geográfico dos interlocutores



R: eu ((colocando a mão aberta contra o peito e batendo várias vezes))...eu aprendi na faculdade o seguinte...agente...
CL: o que você aprendeu com a sua mãe e com o seu pai é o que me interessa... ((chegando mais próximo do rosto do repórter))

Cena 4

ANÁLISE DE CENAS



O dedo em risco, o olhar fixo, o riso (fáticos construindo e acirrando o conflito)

IMPOSSIBILIDADE DE CONSENSO

Para Marcuschi (1998) nem tudo é negociável. Não negociamos crenças, nem convicções. (...) O não consenso pode ditar a “morte” do tópico.

Isso é reforçado nas cenas ao lado com a movimentação de dorso, braços, mãos, cabeça e interferência da segurança.



22

Cena 5

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trech de. Investigação teórica sobre a integração dos aspectos verbais e não verbais no estudo da interação conflitante. Tese de doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 1995

BAKHTIN, Mikail (Voloshinov, 1929). A interação verbal 11ª ed. In: Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. De M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2005.

BIRDWHISTELL, R. L. *Kinesics and context*. Philadelphia, Pennsylvania Press, 1970.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (orgs.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol. II: Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 2002.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.

YOUTUBE. BARRACO: Claudia Leite agride repórter no Sautipe Folia 02/11, 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qZqs4uApAF4>>. Acesso em: 30 out. 2010.

ABSTRACT: This paper aims at identifying and analyzing the non-verbal and non-vocal elements (gestures, posture, facial expression, gaze and smile) in an interaction which follows up a television interview, with the purpose of determining their functions. The interview – corpus of this research – was given to the TV Aratú from Bahia and has as its main actors the singer Cláudia Leitte and the reporter Alex Lopes. The analysis is based on the studies of Kerbrat-Orecchioni (2006), particularly the ones related to the interaction basic components, the turn-takings and the interpersonal relation dimensions. It also investigates the postulates of Goffman (2002) – participation structures and frame alignments; the concepts of Gumperz's (2002) – contextualization cues; and the views of Marcuschi (1998), which deals with negotiation and consensus reaching limitations. The conclusions ensued from our analysis have evidenced a synchronization between the verbal and non-verbal expressions, and also how the non-verbal elements are of paramount importance to the construction of sense in one interaction. This investigation, of empiric-inductive nature, is held, therefore, at the intersection area of the knowledge fields that privilege both the interaction perspective and the textual-interactive analysis of the oral texts.

KEYWORDS: Interaction, non verbal elements, negotiation limits